

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 90

Data: 15.02.82

Pg.: _____

Arara visita homem branco pela 1ª vez em Altamira

Altamira (PA) — A chegada a Altamira, na quinta-feira, de um grupo de 17 índios araras, liderados pelo cacique Toti, até então arredios, consolidou um trabalho de 11 anos da frente de atração de uma das últimas nações indígenas a perderem sua tranquilidade por causa da Rodovia Transamazônica.

Este longo período de isolamento, anterior e mesmo depois da criação da frente, foi marcado pela violência com que se procedeu a ocupação desta região do país. Até hoje — o primeiro registro dos araras é de 1853 — ainda não se sabe quantos morreram por tiros, doenças, envenenamento proposital ou em encontros ocasionais na mata com seringalistas e posseiros. A frente, como elemento suspeito a princípio, também não deixou de ser atacada pelos araras.

Funai desconhecia

A Funai, por desconhecimento ou má-fé, na época, não admitiu a existência destes índios, divididos em três aldeias na altura dos quilômetros 80 e 120 da Transamazônica. Em 1974, o Ministério da Agricultura cedeu 396 mil 150 hectares, ao preço de Cr\$ 23 milhões 769 mil, para a Cooperativa Gaúcha de Colonização, Cotrijui. A Funai instalou o primeiro posto de atração em 1978 e seus funcionários auxiliaram a Cotrijui nos trabalhos de topografia dentro da área indígena.

Agora, o que se faz é um trabalho de reparo dos erros já cometidos e, uma vez concluída a atração, deve-se cumprir a política da frente adotada a partir de 1980, quando foi reativada: "Proteção física, cultural e territorial do povo arara."

Se depender da significativa receptividade que tiveram na base da frente de atração em Altamira, proporcionada pela forma como se dirigiram aos curiosos que lhes cercavam, muitos deles assustados, enquanto outros choravam de emoção ao abraçá-los, eles não deverão ser tão hostilizados como foram, no passado, por exemplo, os urubus-caapores quando chegaram em São Luís do Maranhão.

Da frente de atração para a Transamazônica percorre-se uma estrada vicinal — aberta para os projetos da Cotrijui, hoje suspensos — de apenas 20 quilômetros. Seria impossível, conforme reconhece o sertanista Sydney Possuelo, responsável pela frente, impedi-los de satisfazer uma natural curiosidade em seguir o rumo dos ônibus e caminhões que transitam em um dos poucos trechos de movimento desta rodovia: Itaituba-Altamira-Marabá.

Motivados, um grupo de quatro índios — o cacique Toti, sua mulher Kori-Kori, seu filho de colo e o primo Parata — decidiu, no dia 17 de janeiro passado, ir para a Transamazônica com destino a Altamira, apesar de todas as tentativas feitas em contrário pelos funcionários da frente.

Ao retornar, o cacique Toti convidou, pela primeira vez, o sertanista Possuelo para visitar sua aldeia (até então, desde que os presidentes foram retribuídos no tapiri de atração, em 4 de setembro de 1980, somente os índios, vez por outra, apareciam no posto).

Logo em seguida, um grupo de 26 índios e seis homens da frente (Sydney, Pedro, Manoel, Gerson, Jodeval e Francimar) perambulou durante 13 dias na mata e chegou à aldeia no dia 1º deste mês. Os brancos foram recebidos com uma festa que virou a noite, com muita dança, peixe, beiju, mel e bebida de mandioca.

Os índios, enumerando os dias nos dedos em função do Sol (Titi-titi...), prometeram voltar para o posto e de lá seguir para Altamira com todos os que quisessem ir. O prazo ficou estabelecido para quarta-feira passada, dia 10.

Neste interim, a visita de Toti seguiu-se, no dia 6, a chegada em Altamira dos jovens Akto, Mutata, Mute e duas meninas, de sete e nove anos — todos levados pela mesma perseverança do cacique Toti. Ficaram na base aguardando o resto da tribo para conhecer a cidade e, inclusive, sobrevoaram, na véspera, a aldeia. Nenhum deles assustou-se com o avião. Aparentavam para a aldeia gritando pima, pima, e para o rio Iriri, chamando-o de parú, parú. Desembarcaram tranquilos, levando as impressões da viagem.

Primeiro contato foi há 1 ano

No dia 2 de fevereiro do ano passado, os arara tiveram o primeiro contato com a frente de atração, indo cinco deles até o posto de vigilância. Na última quinta-feira chegaram, ao todo, 37 índios, entre homens, mulheres, velhos e muitas crianças, a maioria com macaquinhos pendurados nos braços. A viagem para Altamira sofreu certo atraso, naquele dia, porque se aguardava a chegada do grupo do cacique Capo, que não compareceu porque uma índia deu à luz durante a marcha até o posto.

A frente de atração, embora conte com todos os recursos necessários e boas instalações, tanto no mato como em Altamira, teve muitas dificuldades para hospedá-los até hoje (prazo estabelecido para o retorno) na cidade. Foi preciso separar pratos e talheres, num tratamento profilático, e acompanhá-los em todos os passos. Houve também dificuldade para controlar a romaria de curiosos que se formou no pátio da base.

O problema de comunicação — sua língua é desconhecida, tendo apenas algumas palavras semelhantes às dos Txicao, do Parque Xingu — foi resolvido por meio de mímica, sorrisos, mas, principalmente, por um som anomatópico — burr-burr... — produzido pelos lábios e que, na tradução dos brancos, significava tudo bem. Isto espalhou-se pela cidade e todos que os procuravam trataram logo de empregá-lo, acrescentando um gesto de polegar levantado para os até então "temíveis" arara.

Saúde e terra

Saúde e terra são problemas básicos a serem solucionados para cumprir a política da frente de atração. Os postos de vigilância estão do-

tados de medicamentos para controlar qualquer surto, e o sertanista Sydney Possuelo espera, ainda esta semana, acertar com a Funai a vacinação dos índios e firmar um convênio com a Escola Paulista de Medicina.

A questão da terra é mais complicada porque a frente não tem boas relações com o INCRA regional. Se não fosse o apelo do 51º BIS (Batalhão de Infantaria da Selva), os posseiros e madeireiros já teriam invadido a área interditada. No quilômetro 80, por exemplo, onde há uma aldeia à esquerda da Transamazônica, a frente — como explica Possuelo — estabeleceu um *modus vivendi* com o INCRA, pois interditou, sem nenhum amparo judicial, 45 mil hectares. O sertanista encaminhará ao INCRA os mapas, também esta semana, para que a interdição seja oficializada.

Ainda em Brasília, no próximo dia 17, Sydney Possuelo terá uma reunião com representantes da Eletronorte, para saber dos planos da construção de uma hidrelétrica no rio Xingu, um pouco abaixo de Altamira, como parte de 22 hidroelétricas projetadas para a Amazônia até 1995. Esta hidrelétrica inundará 25% da área arara, e é preciso concluir um perfil, segundo o sertanista, para que ela seja reposta a tempo na direção Oeste, porque as outras áreas já estão ocupadas por colonos.

No momento, para o chefe da frente de atração arara, não é conveniente pleitear um decreto de demarcação da reserva. Antes é preciso oficializar a área do quilômetro 80 e, sobretudo, manter permanente vigilância, "porque picadas ou limites naturais não impedem a invasão. O exemplo disso é a Ilha do Bananal, que poderia tranquilamente ser uma reserva única para os índios de lá" — conclui o sertanista.